

AMPARO - TERROR

Roteiro de
Rafel Baliú

A Noite Sem Bento

(Tratamento 6.2)

Rafael Baliú
Sao Paulo
Brasil
5511 97656-9065
rafael@asadeltafilmes.com.br

TELA PRETA

O som do ZUMBIDO de abelhas.

1. EXT. APIÁRIO - DIA

As abelhas voam entre as casas-colméia do pequeno apiário. São casas feitas de madeira. O símbolo de um favo de mel pintado diante de cada uma delas.

O homem que se aproxima veste um traje rústico de apicultor: uma espiral de palha serve como rede, cobrindo totalmente seu rosto. Todo seu corpo está escondido sobre o grosso traje de couro.

Ele abre as casas-colméia com naturalidade. Colhe o mel que transborda dos favos. Enche um frasco de vidro com o líquido amarelo.

As abelhas zunem ao redor, sem incomodá-lo.

2. EXT. CAMPO - DIA

Formigas andam sobre um formigueiro. Muitas. São observadas por um negro africano. O símbolo do favo de mel queimado à ferro em seu peito. É escravo do apicultor.

Os passos do Apicultor se aproximam. O rapaz respira rápido. Encara o chão. O patrão para ao seu lado.

BARÃO DO MEL

Bento.

O apicultor está sem capuz. É um branco alto e suado de quase 40 anos, conhecido na região como o Barão do Mel. Ele sorri, seus dentes são amarelos. Estende o frasco de mel.

BARÃO DO MEL

Coma.

O doce nos lábios faz os olhos de Bento fecharem. Seus músculos relaxam. Ele baixa sua guarda. Gira o mel na boca.

BARÃO DO MEL

É o primeiro do ano. Esse é seu.

Bento arregala os olhos. Faz que não com a cabeça.

BARÃO DO MEL

É seu.

BENTO
Agradecido, senhor.

O Barão se senta no chão. Bento senta ao seu lado. Saboreia o mel.

BARÃO DO MEL
Bom, não é?

O Barão sorri. Tira um pente de seu cinto. Penteia seus cabelos desarrumados.

BARÃO DO MEL
Você sabe que eu não posso te levar até as abelhas, esse cheiro que vocês tem as deixa irritadas. Mas é uma pena, eu gostaria que você visse as colméias um dia. É como ver Deus trabalhando...

O Barão observa as formigas.

BARÃO DO MEL
As abelhas, assim como essas formigas que você aprecia, vivem em colônias. Isso significa que cada um sabe qual é a sua função. Eles não questionam, não brigam, apenas trabalham. E tudo funciona em perfeita harmonia. É como olhar um relógio...

(O Barão fica sério)
Já vocês, negros... É como se estivessem quebrados. Vocês só respeitam o medo.

BENTO
Perdão, senhor.

BARÃO DO MEL
Não você, Bento. Você é bom menino. Coma mais.

Bento bebe o mel, como num copo.

BARÃO DO MEL
Os outros me cansam. Preciso sempre impor pelo medo algo que eles deviam saber em seus corações. Uma operária não é uma rainha.
(pausa)
Como se fala rainha na sua língua?

Bento não responde. Começa a tremer. O frasco de mel sacode em sua mão. Ele olha para o chão.

Os dentes amarelos se aproximam de seu ouvido.

BARÃO DO MEL

Como?

BENTO

(num sussuro)

Mália...

O Barão do Mel levanta. Pisa diversas vezes no formigueiro. Formigas transbordam dos buracos abertos.

Ele senta bem mais próximo de Bento.

BARÃO DO MEL

Mália... É assim que eles se referem à sua mãe. Assim que eu a chamava...

O Barão do Mel sorri.

BARÃO DO MEL

Ela certamente é linda como uma rainha... Ou era.

Bento treme muito. O mel escapa de suas mãos. Rola até perto das formigas. O Barão arregala os olhos.

Bento pega o mel em um pulo.

BENTO

Perdão, pat-

BARÃO DO MEL

(interrompendo)

Beba tudo. Até o fim.

Bento bebe o mel, algumas formigas vão junto.

BARÃO DO MEL

Se ela é uma rainha, isso faz de você o quê? Um príncipe? Príncipe das formigas, talvez.

O Barão ri.

BARÃO DO MEL

E o seu irmãozinho que vai nascer, será um príncipe também. Você sabe quem é o pai dele?

O Barão passa seu braço ao redor de Bento. Apoia a cabeça no ombro do escravo.

BARÃO DO MEL
Nós somos família agora, eu e
você.

Bento termina o mel. O Barão retira o frasco vazio de suas mãos. Coloca outro frasco no lugar, cheio de mel.

BARÃO DO MEL
(acariciando a cabeça de
Bento)
Até o fim, filho.

Bento chora. Bebe o mel.

BARÃO DO MEL
Pra controlar uma colméia, o
segredo é controlar a Rainha. Ela
é mansa, todas são mansas. Quando
ela é arisca, como a sua mãe...
Daí eu preciso amansar ela.

Bento tosse. Cospe o mel dentro do frasco. Chora. O Barão dá tapas leves em suas costas para ajudá-lo.

BARÃO DO MEL
Mas nada do que eu tento adianta.
E eu tentei tantas coisas. Tantas
noites só eu e ela naquele porão.
Até minha família...

O Barão fica em silêncio. Pensativo.

Ele limpa a boca de Bento com um lenço. Recoloca o frasco nas mãos do escravo.

BARÃO DO MEL
Tente de novo.

Bento bebe o mel que cuspiu.

BARÃO DO MEL
Ela me olha como se eu não fosse
nada. Aqueles olhos, como duas
pedras de fogo... Eu sonho com
eles.

Bento termina o frasco de mel. O joga longe. Tosse violentamente, mel escorrendo dos lábios.

BARÃO DO MEL
Bom menino, bom menino.

O Barão o abraça. Beija sua cabeça.

BARÃO DO MEL
(sussurando)
Por que ela não sente medo?

Bento respira fundo. Responde com uma nova firmeza na voz.

BENTO
O seu poder é maior nessa vida.
Mas o dela se estende além.

BARÃO DO MEL
(sussurando)
Ela diz isso. Vocês vivem no lixo,
mas acham que são deuses.

BENTO
Ainda não. Um dia.

O Barão balança sua cabeça, grudado em Bento. Fecha os olhos.

BARÃO DO MEL
Eu preciso da sua ajuda.

Bento olha pra baixo. Vê a FACA do Barão do Mel plantada em seu estômago.

O Barão sussurra enquanto gira a faca.

BARÃO DO MEL
Grite bem alto, filho. Pra que sua
mãe te ouça.

Bento tomba para o lado.

O Barão do Mel faz cortes pelo corpo de Bento.

BARÃO DO MEL
Isso não aconteceria se vocês
entendessem qual é o seu lugar.

O Barão pega um grosso PINCEL em seu cinto. Molha o pincel em um frasco de mel. O passa sobre as feridas de Bento.

O Barão encara Bento.

BARÃO DO MEL
Até os insetos entenderam. Por que
vocês não conseguem?

O Barão chuta o corpo de Bento para cima do formigueiro. FORMIGAS começam a subir sobre ele. Bento GRITA.

O Barão do Mel respira fundo, tentando recuperar a compostura.

Se senta novamente. Pega o frasco de mel caído. Os GRITOS de Bento cada vez mais altos.

BARÃO DO MEL
Isso, Bento. Bom menino.

O Barão mergulha seus dedos na mistura de mel com sangue e a coloca na boca. Fecha os olhos. Sorri com seus dentes amarelos.

BARÃO DO MEL
Hmmm, bom menino.

TELA PRETA

Ao som dos gritos, o nome do filme:

O DIABO MORA AQUI

3. EXT. ACOSTAMENTO - DIA

Ale corre pelo mato. É uma garota branca de 22 anos, cabelos curtos escuros. Ela se ajoelha atrás de um arbusto e olha ao redor.

Respira fundo. Abre o zíper de sua calça. Fecha os olhos e solta o ar. Começa a mijar.

JORGE
(gritando, O.S.)
Eu avisei que aquele posto era a última chance!

Ale vira os olhos e ignora.

Jorge, moreno, 23 anos, balança a cabeça. Está de pé ao lado do carro em uma pacífica e vazia estrada do interior.

Jorge se alonga e estala as costas, está dirigindo faz horas. Do banco de trás, Magu estende uma bebida gelada. Ele aceita e toma um gole. Sorri. Depois estranha. Olha o rótulo.

JORGE
Barkov Ice? Isso é uma vodka.

MAGU
Sim.

JORGE

O cara vendeu isso pra você? Ele não pediu documento?

MAGU

Pediu...

Jorge ri.

MAGU

Mas eu falei que ia levar isso como um elogio.

JORGE

Que cara de pau.

MAGU

Não funcionou mesmo. Mas daí eu falei que era pro meu primo, que eu bebia um golinho no máximo.

JORGE

E ele caiu nessa?

Magu põe a cabeça para fora da janela. Ela tem menos de vinte anos, cabelos loiros que caem sobre seu rosto e olhos verdes com olheiras.

MAGU

Não, Jorge. Ele caiu nessa:

Magu o olha com olhos de cachorro pidão, mas com um sorriso confiante.

MAGU

Ah moço, no máximo um golinho. Por favor vai, quebra essa. Por favor, por favor, por favor.

Jorge devolve a Barkov Ice. Aplauda lentamente.

MAGU

Essa é boa que desperta um lado paternal e uma tara meio errada também. Eles ficam confusos.

Magu mata a vodka em um gole.

JORGE

Minha priminha virou um monstro...
Que orgulho.

Jorge estala seu pescoço com um *Creck*.

MAGU
Deixa eu dirigir um pouco, vai?
Você não precisa fazer tudo
sozinho.

JORGE
Você não sabe dirigir, Magu.

MAGU
Saberia se você me ensinasse.

Ale volta do mato, sorridente.

ALE
Ah, agora sim me sinto no campo.

JORGE
Eu avisei...

ALEXANDRA
Esse mato é mais limpo que aquele
posto.

Jorge sorri.

JORGE
Não falta muito né?

Ale tira um papel do bolso. O abre sobre o capô.

ALE
Você não sabia o caminho de cór?

JORGE
(indicando Magu)
Sei vindo direto, mas a gente teve
que parar pra pegar esse traste.

MAGU
Ei!

Ale observa o mapa, toscamente desenhado com caneta
esferográfica.

ALE
A gente tá aqui, só seguir reto
mais uns... 15 quilômetros e pegar
a direita. Daí hmm, direita e
esquerda. É isso?

JORGE
(olhando Ale)
Não sei, ainda não consegui olhar
pro mapa.

Jorge tenta agarrar Ale, que o afasta.

ALE
(rindo)
Sai fora, Jorge.

Os dois são interrompidos por uma BUZINA. Magu está sentada no banco de motorista.

MAGU
Como eu engato a primeira?

JORGE
Sai daí Magu!

Jorge abre a porta do carro e expulsa sua prima de volta pra trás.

MAGU
Aposto que o Apolo me ensina se eu pedir.

JORGE
Se ensinar vai ser no carro dele.

Ale senta no banco de passageiro.

MAGU
Ale, por que você namora um cara tão chato?

ALE
A família dele compensa.

Magu abraça Ale.

JORGE
Seu celular ainda tem sinal Magu?

MAGU
Um pouquinho.

JORGE
Então seja útil e liga pro sítio.
Avisa o Apolo que a gente já tá chegando, pra ele vestir umas roupas.

O carro sai pela estrada.

MAGU
Ah, ele precisa mesmo?

4. INT. PORÃO - DIA

APOLO, 23, loiro e de olhos azuis, está suado e sem camisa, tinta vermelha em seu rosto. Ele está ajoelhado e examina o chão diante dele. Dá de ombros como quem diz "dá pro gasto".

O sol entra pelas janelas do porão. Apolo se levanta e se espreguiça. Um som chama sua atenção.

O som veio de um amontoado de tábuas, pregadas no canto da sala. Elas formam uma pequena divisória, escondendo um pedaço do porão grande o bastante para alguém ficar de pé dentro. As tábuas velhas que formam esse "sárcofago" improvisado são as mesmas que já formaram as casas-colméia. Em uma delas está encravado o símbolo do favo de mel.

Apolo observa as tábuas.

APOLO

Oi?

Apolo se aproxima devagar. Olha por um pequeno buraco entre as tábuas. Não enxerga nada no escuro do sarcófago.

APOLO

Vo-Você tá aí dentro?

Ele aproxima mais o seu rosto: não há nada lá dentro. Apolo sorri e balança a cabeça.

Apolo se assusta com o TOQUE DO TELEFONE no andar de cima.

Ele se vira e sobe correndo as escadas do porão. Ouvimos seus passos e ele atendendo o telefone.

APOLO

Alô? Ah, oi Magu!

No chão do porão, Apolo deixou pintado um pentagrama vermelho. Velas em cada ponta.

APOLO

Isso, é por aí mesmo. Legal, tô esperando vocês. (Risos) Tá bom, fala pra ele não se preocupar. Beijo.

No centro do Pentagrama está preso um longo e enferrujado PREGO. A maior parte dele saindo para fora do chão rachado.

Apolo desliga o telefone. Fecha o alçapão, escurecendo o porão.

Começa o CHORO de um bebê.

5. EXT. CAMPO – DIA

Sebastião, um negro forte de quase trinta anos, sorri.

O choro do bebê continua, vindo de seu celular.

ESPOSA

Tá ouvindo?

SEBASTIÃO

Tô sim. Como ele tá manhoso hoje.

ESPOSA

Deve ser saudades do pai...

SEBASTIÃO

Você sabe que eu queria tá aí com vocês.

ESPOSA

Você falou...

SEBASTIÃO

Depois de amanhã eu já tô voltando.

ESPOSA

Corre, ele tá quase dando os primeiros passinhos.

SEBASTIÃO

Eu vou.

LUCIANO (O.S.)

Manda um beijo!

SEBASTIÃO

Luciano tá mandando um beijo.

ESPOSA

Manda outro pra ele e um pra sua mãe. Fala que eu tô com saudades.

SEBASTIÃO

Mando sim.

ESPOSA

Eu te amo.

A ligação cai.

SEBASTIÃO

Saco.

Ele tenta ligar de novo, mas sem sucesso.

LUCIANO

Caiu? Desiste, foi milagre você ter conseguido ligar aqui.

Luciano, irmão de Sebastião, está a alguns metros dele, estendendo uma toalha no chão. Ele tem menos de 20 anos e usa óculos.

Sebastião guarda o celular. Olha para sua aliança de casamento. Tira ela e a guarda no bolso. Anda até seu irmão.

LUCIANO

Já tá quase tudo pronto!

Luciano acende velas nos cantos da toalha, usando fósforos. O vento os apaga.

SEBASTIÃO

Precisa de ajuda?

LUCIANO

Tranquilo.

O fósforo apaga de novo. Sebastião se abaixa. Acende a vela com um isqueiro.

SEBASTIÃO

Você sabe que não precisa fazer tudo igualzinho ele, né?

LUCIANO

Tem certeza? Ele falou tudo passo a passo pra eu lembrar.

SEBASTIÃO

Porque o velho gostava de falar. Se você perguntasse onde era o banheiro ele te ensinava até como lavar as mãos.

Luciano ri.

LUCIANO

Por isso eu queria que **você** voltasse pra me ensinar a dirigir.

SEBASTIÃO

Não tinha como, você sabe como tá difícil as coisas por lá.

LUCIANO

Eu sei...

(pausa)

Você não precisava ter vindo...

SEBASTIÃO

É a primeira vez sem o pai, cê acha mesmo que eu não ia vim?

LUCIANO

Eu dava conta sozinho.

SEBASTIÃO

Eu sei que você é esforçado, mas é que... as vezes parece que você não entende como é importante o que a gente faz nessa noite.

LUCIANO

Claro que entendo. Nós somos os heróis.

Eles olham para o lado: é o FORMIGUEIRO em que Bento foi jogado tantos anos atrás. Agora há uma grande CRUZ sobre ele.

LUCIANO

Pode confiar em mim Tião, vô deixar você e o pai orgulhosos.

Sebastião põe a mão no ombro do irmão.

SEBASTIÃO

Eu sei que vai.

LUCIANO

Posso fazer a reza?

SEBASTIÃO

Claro.

Eles se ajoelham diante da cruz. Luciano começa a rezar em Iorubá. Sebastião o avalia. Luciano nota, mas fala as palavras com firmeza. Sebastião aprova.

A terra sobre o formigueiro começa a se mexer, empurrando algumas formigas. Luciano não para de falar.

Uma mão negra emerge da terra, segurando uma grande e rústica MARRETA.

6. EXT. CARRO E VARANDA - DIA

O carro de Jorge passa pelo portal. Nele, uma placa diz:

FAZENDA COLÔNIA

O carro estaciona ao lado de uma árvore.

Jorge, Ale e Magu saem do carro. Pegam suas malas e as compras. Jorge está concluindo um assunto.

JORGE

... Não todos vai, mas uns 80,
correção, 85 por cento deles são
venenosos.

ALEXANDRA

Um advogado não devia ficar
inventando estatísticas assim.

JORGE

43 por cento dos advogados fazem
isso.

Magu se espreguiça.

MAGU

Finalmente! Não vejo a hora de
cair na piscina.

Jorge sobe a escadaria principal.

JORGE

Putz, eu não avisei? O Apolo falou
que a piscina tá seca.

MAGU

O quê?! Mas eu vim só pela
piscina!

ALEXANDRA

(pra Magu)
Não foi por isso que você veio...

MAGU

(censurando)
Alê!

Ale sorri. Vai atrás de Jorge.

Jorge está parado diante da porta principal. Ele encosta na porta. Ela se abre sozinha, com um rangido.

JORGE
Apolo?

7. INT. CORREDOR DO PORÃO - CONTÍNUO

Jorge deixa as malas lá fora e entra.

JORGE
Apolo! Chegamos, cara.

Ale entra atrás de Jorge. A casa está silenciosa.

JORGE
Estranho...

Jorge adentra a casa, gritando.

JORGE
Apolo, seu surdo!

Ale olha ao redor. Parece que conservaram a decoração de outrora. Ela ouve um estalo sob seu pé. Vê que o que estava pisando não era o chão de madeira, mas um ALÇAPÃO.

Magu entra no corredor, malas em mão. Olha para um quarto grande e espaçoso ao lado da entrada.

MAGU
Nossa!

Magu some para dentro do quarto. Ale fica sozinha no corredor. Observa os quadros antigos com desenhos de abelhas, lâminas com desenhos de colméias e trajés de apicultor. São desenhos detalhados, com setas e palavras, como se tivessem enquadrado páginas de um manual muito antigo.

Ela observa fixamente um desenho de um traje antigo de apicultor. Balança a cabeça e segue andando, quando...

SUSTO! Apolo pula gritando de dentro de um quarto. No instinto, Ale enfia uma muqueta em seu rosto.

Apolo cai sentado dentro do quarto.

Jorge vem correndo. Olha o amigo no chão e entende o que aconteceu. Ri descontroladamente.

Apolo leva a mão ao nariz. Começa a rir também.

APOLO
Caramba, Ale.

ALEXANDRA
Me desculpa!

Jorge ajuda Apolo a se levantar.

JORGE
Caralho, essa viagem já começou
muito bem.

Os dois amigos se abraçam.

APOLO
Ah, cara! Que bom te ver!

JORGE
Nem me fala.

Apolo vira pra Ale um pouco receoso. Ela o abraça também.

ALEXANDRA
Me desculpa. Você se machucou?

APOLO
Não se preocupa.

Apolo abraça Ale.

APOLO
Bem vindos! Que bom que vocês
chegaram, tava enlouquecendo aqui
sozinho.

Ele olha ao redor.

APOLO
Cadê a Maria Augusta?

Jorge entra na frente da visão de Apolo.

JORGE
O que te interessa?

APOLO
Sai fora. Magu!

O rosto de Magu sai de dentro do quarto.

MAGU
Oi.

APOLO
Quê que você tá fazendo aí,
menina? Quer roubar o meu quarto?

Magu faz que sim com a cabeça. Apolo faz que não com a cabeça. Magu lentamente fecha a porta.

APOLO

Ei!

Apolo volta para o quarto onde estava esperando por Ale. Dentro desse quarto, uma porta contígua leva para o quarto em que Magu está. Apolo some por lá.

Ale e Jorge se olham. Ale põe a mão sobre o punho que socou Apolo.

ALE

Ai.

Jorge ri.

JORGE

Não acredito que você fez isso.

ALE

Seilá, foi instinto.

JORGE

Que bom que eu tenho você pra me proteger então.

ALE

Mas quem vai te proteger de mim?

Ale simula um soco no rosto de Jorge. Ele segura a mão dela junto a seu rosto e a beija.

JORGE

Você tá bem? Se acontecer alguma coisa estranha me conta.

Ale abraça Jorge, descansa no ombro dele.

ALE

Tá tudo bem.

Eles ouvem Apolo e Magu discutindo. Apolo fala "não" repetidas vezes. Eles sorriem.

Ale beija Jorge na boca.

ALE

Você sabe que eu te amo?

JORGE

Eu suspeitava.

Ale dá outro soquinho em Jorge e vai pegar as malas que ficaram lá fora. Jorge vai atrás.

Apolo volta pela porta contígua segurando suas malas na mão. Magu vem atrás dele empurrando-o pelas costas.

MAGU

Vai, Apolo. Você não quer que eu durma nesse quarto escuro e assustador, né?

APOLO

E você quer que eu durma?

MAGU

Não.

Apolo se vira pra Magu. Ela sorri pra ele.

MAGU

Você dorme onde quiser.

Apolo sorri. Magu o beija nos lábios carinhosamente.

Apolo larga suas malas no chão e corresponde.

Ela interrompe o beijo e se afasta pela porta contígua, sem tirar os olhos de Apolo. Fecha a porta atrás de si.

Magu encosta na porta. Ela põe a mão no coração, sem acreditar no que fez e sorri. Comemora baixinho.

Do outro lado da porta, Apolo ouve a reação de Magu e sorri. Sente que tem alguém atrás dele e se vira. Jorge olha pra ele da porta, com compras na mão.

Apolo gela. Jorge balança a cabeça.

Apolo vai começar a se explicar, mas Jorge não aguenta e ri do amigo.

JORGE

Me ajuda com as compras, primo.

Jorge entrega uma sacola pra Apolo. Eles saem para a cozinha.

8. EXT. CAMPO — DIA

Sebastião e Luciano cobrem o Bento com uma pesada CAPA DE CHUVA.

Bento emite estranhos barulhos o tempo todo, como se coisas caminhassem dentro de seu corpo. Ele treme constantemente. Vesti-lo é uma tarefa árdua.

LUCIANO

Tinha uma música que o pai cantava enquanto vestia ele.

SEBASTIÃO

Eu me lembro da melodia... era algo como...

Sebastião cantarola o que parece uma cantiga de ninar.

LUCIANO

Você acha que a letra era importante?

SEBASTIÃO

Acho que não.

Os irmãos cantarolam a melodia enquanto vestem o Bento. Colocam luvas sobre suas mãos, tiram o pó e a terra de seu corpo. O adornam com guias e talismãs. Por fim se ajoelham diante dele.

SEBASTIÃO E LUCIANO

Bença, irmão.

O Bento passa por eles e começa a caminhar.

Sebastião se levanta.

SEBASTIÃO

Por que ele tá tão apressado?

Luciano dá de ombros.

Bento se afasta deles. Eles vão atrás.

Sebastião respira fundo.

SEBASTIÃO

Só falta justo hoje dar alguma merda...

Luciano ri.

LUCIANO

É bom te ter de volta.

Sebastião sorri.

Sebastião
Qual é a graça?

LUCIANO
O pai contava que você sempre
era pessimista pra caramba.
Tinha sempre certeza que ia
dar uma coisa errado...

SEBASTIÃO
E ele ficava rindo de mim
também, vocês são
iguaiszinhos.

LUCIANO
É que a gente vê as coisas
pelo lado bom.

Sebastião balança a cabeça sem acreditar.

SEBASTIÃO
Vocês são muito românticos.

Sebastião pega um revólver nas suas costas, verifica se
está carregado.

SEBASTIÃO
Eu prefiro me preparar pro
pior.

9. INT. SALA - NOITE

Apolo está sufocando, com sua mão sobre o pescoço.

Ale olha pra ele em silêncio. Jorge e Magu olham de Ale
para Apolo.

Eles estão sentados nos sofás da sala. Latas de cerveja
abertas e uma garrafa de vodka sobre a mesa.

JORGE
Chuta alguma coisa, Ale.

ALE
Guerra nas Estrelas.

APOLO
Isso!

MAGU
É assim que você faz guerra nas
estrelas?

APOLO
É o Darth Vader enforcando a galera com a força.

MAGU
Nossa, eu nunca ia adivinhar.

ALES
Eu saquei de primeira, mas tava achando engraçado a cara do Apolo.

APOLO
Ei!

Apolo senta ao lado de Ale, que ri. Eles se cumprimentam.

JORGE
Vocês já sabem o de vocês?

APOLO
Já!

Magu vai até eles.

APOLO
Esse é difícil.

Magu se abaixa. Apolo sussura o nome do filme no ouvido dela. Magu sorri para Jorge.

ALE
Pode ir? Tá, valendo!

Magu indica que são 5 palavras. A 1a: Magu se abraça, tremendo e olha para os lados.

JORGE
Tá.

A 2a: Magu olha ao redor com os olhos arregalados e um sorriso no rosto, gira seu dedo indicador ao redor da cabeça pra indicar que está pirando.

JORGE
Tá...

A 4a e a 5a: Magu indica estar jogando dados, vê os números, fica feliz, pula e comemora.

JORGE
Medo e delírio em Las Vegas.

MAGU
ISSO!

ALE
Dez segundos...

APOLO
O quê? Como? Como??

ALE
Eu falei que não ia ter graça se
eles fossem juntos...

Jorge e Magu comemoram.

JORGE
Vem Ale, a gente já sabe o seu.

Ale vai até Jorge. Ele sussurra algo em seu ouvido.

ALE
Ah não...

JORGE
Ah sim.

Ele e Magu riem um para o outro. Ale respira fundo e vai para o centro. Ale começa a interpretar: 4 palavras.

Ale começa a correr no lugar.

APOLO
Corrida.

Ale faz o sinal de que é algo próximo. Se vira subitamente para o corredor, assustada.

APOLO
Correndo de algo. fugindo.

Ale olha deles três para o corredor.

APOLO
Assustada, preocupada.

Ale balança a cabeça.

Jorge e Magu se olham sem entender.

APOLO
Hã, algo no corredor? Corredor! É
isso? Corredor?

Ale balança a cabeça que não. Volta a indicar a 1a palavra e a correr, mas não consegue evitar de olhar pro corredor.

APOLO
Tá, fugindo, escapando?
Perseguição?

JORGE
Tempo!

Ale para.

MAGU
Era Correndo Atrás do Diploma...

Ale se senta ao lado de Apolo.

ALE
Desculpa, Apolo. Eu não sei o que
aconteceu. Eu me distraí...

APOLO
Tudo bem, cara. Eu nunca ia
acertar diploma mesmo.

Eles riem. Jorge observa Ale.

JORGE
Vocês já sabem o próximo?

ALE
Sim.

Jorge se abaixa ao lado de Ale.

ALE
(Sussurando)
A Ilha.

JORGE
(Sussurando)
Tá tudo bem?

Ale não responde.

JORGE
(Sussurando)
Você tomou seus remédios, Ale?

ALE
Não.

JORGE
(sussurando)
Eu sei que você fica com sono, mas
acho que você precisa tomar.

ALE
 (Sussurando)
 Acho que sim...

JORGE
 (sussurando)
 É pro seu bem.

Ale suspira. Se levanta e vai para o quarto. Jorge vê ela indo.

JORGE
 (Pra Apolo)
 Pode mandar.

APOLO
 Valendo.

Jorge faz o movimento de água com as mãos.

MAGU
 Água

Jorge indica que é muita.

MAGU
 Oceano

Jorge faz o sinal que é o contrário.

MAGU
 Continente

Jorge faz sinal que é menos.

MAGU
 Ilha. A Ilha.

APOLO
 Dez segundos? Vocês tão tirando.

Jorge continua olhando pro corredor.

MAGU
 Tá tudo bem com ela?

JORGE
 Não sei. Talvez a gente não
 devesse ir no porão hoje, Apolo.

APOLO
 Ah não, sério? Mas hoje é a noite
 do Bento, a gente tá planejando

isso faz anos! A Ale não precisa ir se ela não quiser.

MAGU

Vocês vão fazer o quê no porão?

Apolo se aproxima de Magu.

APOLO

Libertar um prisioneiro.

MAGU

Quê?

JORGE

É uma brisa que o Apolo tem desde que a gente era adolescente.

MAGU

Como assim, tem alguém preso no porão?

APOLO

Tem o espírito de alguém.

Magu já começa a balançar a cabeça.

MAGU

Vocês não tão me dizendo que essa casa é mal-assombrada, né?

APOLO

Ela é assombrada, mas é por um espírito bom! Ele é um bebê, é como o Gasparzinho.

JORGE

Mas tem o Barão do Mel também.

APOLO

Mas esse a gente deixa lá.

MAGU

Quem é Barão do Mel?

APOLO

Ele foi o primeiro dono dessa fazenda, na época dos escravos.

JORGE

É uma lenda que o caseiro contava pra gente toda a vez que a gente vinha. E agora o Apolo mantém a

tradição viva e conta isso toda vez também.

APOLO

(fingindo que não ouviu Jorge)

Por toda a região de Redenção contam histórias até hoje. Ele era um monstro, fazia coisas horríveis com os escravos.

MAGU

E porque chamavam ele de Barão do Mel?

Apolo e Jorge se olham.

JORGE

(dando de ombros)

Ele criava abelhas.

10. INT. QUARTO - NOITE

Ale está sentada no criado mudo de seu quarto, diante do espelho. Ela olha para os remédios em sua mão. Ouve as vozes distantes de Apolo, Jorge e Magu.

Pedaços da história de Apolo são ouvidas ao longe. Ale se olha no espelho. Estranha.

O som das vozes começa a ficar mais alto. Ale se vira para o corredor. Tenta prestar atenção. As vezes não parecem as vozes nem de Apolo, nem de Jorge, nem de Magu. Outras vozes.

Ale se concentra: uma voz de um homem e uma mulher parecem ser audíveis.

SUSTO! De repente o CHORO DE UM BEBÊ vem com tudo, muito alto nos ouvidos de Ale. Ela deixa os remédios caírem no chão com o susto.

O choro fica mais alto e mais ensurdecido. Ale desce ao chão atrás dos remédios. Os engole a seco.

O choro para imediatamente. Ale controla a respiração.

11. INT. SALA - NOITE

Jorge olha fixamente para o corredor, esperando Ale. Apolo ainda conta a história.

APOLO

E quando ela soube o que tinha acontecido com o filho dela, dizem que foi a primeira e única vez que ela chorou.

MAGU

Nossa, que história horrível.

Ale aparece na porta. Jorge fica mais calmo.

JORGE

Adivinha qual história o Apolo tá contando.

Ale balança a cabeça. Se senta ao lado de Jorge. Apolo continua.

APOLO

Depois disso tudo começou a dar errado na vida dele. A terra secou, os animais fugiram, a esposa dele enlouqueceu e se matou com a filha. O Barão foi ficando mais e mais tempo no porão com a escrava, esperando o filho deles nascer.

Apolo começa a desenhar em uma folha de papel em cima da mesa.

APOLO

E no dia que ele nasceu, os escravos se rebelaram. Invadiram a casa e mataram o Barão do Mel, aqui mesmo nesse porão.

JORGE

O caseiro falava cheio de orgulho que o tataráseiláoquêvô dele foi quem passou a foice no pescoço do Barão.

MAGU

E o fantasma desse barão assombra a casa, é isso?

APOLO

Quase isso. Antes que ele morresse a escrava fez uma maldição, pra que ele sofresse a própria morte todos os dias. Pra sempre.

Apolo termina seu desenho: um bebê fofo e sorridente.

APOLO

Mas essa maldição tinha um preço.
Um sacrifício. Algo que segurasse
ele. Então ela pegou o filho
deles, recém-nascido, e colocou um
prego no umbigo do bebê.

Ele coloca a caneta em cima do desenho, verticalmente como
um prego. Apolo soca a base da caneta, simulando um
martelo.

APOLO

Dizem que o Barão do Mel continua
sofrendo a própria morte, todos os
dias.

Apolo soca a caneta de novo.

APOLO

Assim como o bebê.

Ele tira a caneta e olha para o bebê desenhado, com uma
marca no meio do corpo.

APOLO

O prego tá no porão até hoje.

MAGU

De verdade?

Ale faz que sim com a cabeça. Apolo ainda olha fixamente
para o desenho.

APOLO

O Flávio, o caseiro, ele
acreditava em tudo isso. De
verdade.

JORGE

O Apolo tava sempre implicando com
a religião do velho.

APOLO

Ele achava que o espírito do bebê
tentava fugir e que ele que tinha
que impedir. Então tinha uma noite
a cada nove meses que eles tinham
um acordo com a minha família. A
gente não podia vir aqui na casa,
se a gente tivesse aqui tinha que
ir embora.

MAGU

A noite do Bento.

APOLO

Era assim que ele chamava. Ele
vinha aqui no porão.

Apolo recoloca a caneta.

APOLO

E ele se achava especial,
martelando esse mesmo prego.

Apolo bate na caneta de novo.

APOLO

Porque na cabeça dele ele achava
que tava pregando um bebê no chão.

Apolo bate na caneta continuamente.

Magu observa o desenho todo furado. Sente um calafrio.

MAGU

Bad vibes.

Apolo olha ao redor. Jorge encara Ale, como se soubesse o
que vem agora.

APOLO

O Flávio morreu faz alguns meses,
pela primeira vez não tá vindo
ninguém. Vocês me ajudam a
libertar o bebê dessa maldição?

Magu dá de ombros.

MAGU

Eu não tenho medo.

JORGE

Você tem medo até de ir no
banheiro sozinha.

MAGU

Isso foi uma vez!

Jorge olha pra Ale.

JORGE

A gente não precisa ir se você não
quiser.

Ale percebe que todos estão olhando pra ela, como se
coubesse a ela decidir (inclusive Magu, que balança a
cabeça e sussura "não").

Ale se sente incomodada.

ALEXANDRA

Claro que vamos. Não é Redenção se a gente não ver o prego.

Jorge solta o ar. Apolo sorri. Magu engole seco.

12. INT. PORÃO - NOITE

Jorge abre o alçapão do porão. Desce as escadas com uma lanterna em uma mão e um espeto de churrasco na outra.

ALE

Ele é tão sexy quando é sensato.

Jorge ri. Desce as escadas e ilumina tudo ao redor.

MAGU

Nenhum monstro?

JORGE

Não.

MAGU

Nenhum maníaco com uma faca?

JORGE

Não, Podem descer.

Lá em cima, Magu está escondida atrás de Apolo.

MAGU

Confere!

A voz de Jorge vem lá de baixo.

JORGE

Calma...

(pausa)

Não, tá de boa. Podem descer.

Apolo, Magu e Ale descem. A luz elétrica dá um tom ameno para o ambiente.

APOLO

Cuidado com os degraus.

Eles entram na sala do Prego. Magu vê o Pentagrama e as velas ao redor do Prego.

MAGU

Você acha isso de boa?

Apolo as acende com um isqueiro.

APOLO
Eu que fiz isso!

Apolo aponta para o pilar central.

APOLO
Aqui é onde a escrava ficava
amarrada.

Apolo aponta para o sarcófago no canto.

APOLO
Ali é onde o Barão foi preso e
degolado.

Apolo se ajoelha diante do Prego no chão.

APOLO
Aqui foi onde o bebê morreu.

Magu vai até ele. Apolo olha pra ela com um sorriso triste.

APOLO
Eu tinha pesadelos com isso quando
era criança... Olha o tamanho
desse prego, era maior do que
ele...

Magu se ajoelha. O Prego entre eles.

APOLO
Ele tinha acabado de nascer e a
própria mãe fez isso com ele. Só
pra se vingar de um outro cara. E
ele ficou condenado a uma
eternidade horrível por uma coisa
que nem era culpa dele.

JORGE
Bom, essa é a noite do Bento.

APOLO
Apaga a luz, Jorge. Vamos chamar
ele.

Jorge apaga a luz. Ele e Ale se posicionam de pé ao lado de Apolo e Magu. Magu se surpreende como eles aceitaram tudo tão rápido.

Apolo põe a mão sobre o Prego.

APOLO
Nós te chamamos.

MAGU
Calma, como você sabe que ele é bom?

APOLO
Eu sinto. Põe sua mão aqui.

Magu apoia a palma da mão sobre o Prego. Apolo apoia sua mão sobre a dela.

APOLO
Sente.

Apolo fecha os olhos. Magu o imita.

APOLO
Se liberte, nós te chamamos.

O Prego se ERGUE alguns centímetros sob a mão de Magu.

MAGU
Você sentiu isso?

Apolo não responde.

Magu olha para Apolo. A pupila de seus olhos está completamente BRANCA, como se ele estivesse em um transe.

Magu olha ao redor. Jorge e Ale estão de olhos fechados.

MAGU
Apolo?

Ele balança a cabeça que não.

Magu se inclina pra frente. Aproxima sua boca do ouvido de Apolo.

MAGU
(sussurando)
Eu quero você dentro de mim.

APOLO
Hã? O q-quê? Q-hã?

Apolo imediatamente volta ao normal, engasgando as palavras. Magu ri. Jorge e Ale abrem os olhos e se olham sem entender.

JORGE

Porra, você saiu do personagem?
Você estragou todo o susto.

ALEXANDRA

Você tá ficando vermelho, Apolo?

Apolo realmente está corado. Magu ri dele enquanto levanta.

MAGU

Você acha que eu sou trouxa de
cair numa historinha dessas?

Ale ri também. Elas se cumprimentam.

ALEXANDRA

Boa, Magu! Quê que você falou pra
ele?

MAGU

(sorrindo pra Apolo)
Só umas verdades.

Apolo levanta também.

APOLO

Jorge, eu quero casar com sua
prima.

JORGE

Como seu advogado, eu sugiro que
você espere uns anos.

Apolo e Magu se beijam. Jorge dá um sorriso conformado para
Ale, que sorri de volta. Os quatro começam a sair do porão.

MAGU

Alguma coisa dessa história é
verdade?

APOLO

Cada palavra. Mas a gente não tem
porque se preocupar.

INSERT: Bento, Sebastião e Luciano caminham pela estrada.

APOLO

O Flávio morreu no começo do ano.

INSERT: A Marreta balança na cinta de Sebastião.

APOLO

Não tem ninguém vindo pra cá.

Apolo e Magu saem da sala. Jorge vai atrás.

APOLO
Somos só nós essa noite.

Ale está saindo da sala, quando ouve uma voz grave e assustadora no canto da sala.

BARÃO DO MEL
Não.

INSERT: Sebastião olha o casarão iluminado.

LUCIANO
Era pra ter alguém aí?

Sebastião balança a cabeça que não.

NO PORÃO:

Ale se vira pra trás.

BARÃO DO MEL
O Velho não vem.

SANGUE começa a escorrer por entre as tábuas do sarcófago, cobrindo totalmente o símbolo do favo de mel.

BARÃO DO MEL
Mas outros virão.

13. INT/CORREDOR DO PORÃO - CONTÍNUO

Jorge tranca a porta da casa.

JORGE
APOLO!!!

ALE
Que porra tá acontecendo?

Apolo e Magu saem do quarto dele, um pouco desarrumados.

APOLO
O quê? O que foi?

JORGE
Tranca todas as portas! Não pergunta! Vai!

APOLO
T-Tá!

Apolo sai correndo. Magu não entende.

MAGU

O quê que tá acontecendo?

Ale balança a cabeça.

ALE

Nãonãonão...

SEBASTIÃO (O.S.)

Abre essa porta, isso não é um assalto!

JORGE

Liga pra polícia, Magu!

Magu pega o telefone sobre o móvel do corredor.

SEBASTIÃO (O.S.)

Não! Não liga pra polícia! Eu tô falando sério!

O som de uma CHAVE sendo colocada na fechadura.

JORGE

Fudeu.

Jorge empurra Ale para o porão. Se despede enquanto a chave gira na tranca.

JORGE

Se tiver a chance foge.

ALE

Jorge...

Ajoelhado, Jorge fecha o alçapão enquanto a porta se abre.

JORGE

Se salva, Ale.

Sebastião entra e encontra Jorge já deitado no chão, as mãos na cabeça.

JORGE

Leva o que você quiser!

SEBASTIÃO

Isso não é um assalto, caralho. Quem mais tá aí?

Apolo aparece no fim do corredor. Congela ao ver a cena. Sebastião aponta a arma pra ele.

SEBASTIÃO

Parado!

Apolo levanta as mãos. Sebastião vai até ele.

SEBASTIÃO

Você ligou pra polícia? Você ligou pra polícia, caralho?

APOLO

N-não, ninguém ligou pra polícia.

JORGE

Tá tudo bem cara, a gente não vai reagir!

Luciano entra olhando ao redor.

LUCIANO

Caralho Tião, o que você tá fazendo?

Sebastião coloca Apolo no chão ao lado de Jorge.

SEBASTIÃO

O que vocês fizeram? Por que vocês tão aqui?

Apolo olha pra Luciano.

APOLO

Luciano?

LUCIANO

Apolo?

Apolo observa Sebastião.

APOLO

Você é o Sebastião.

Jorge olha pra eles, sem entender.

SEBASTIÃO

Caralho, Apolo, o que você tá fazendo aqui? Vocês não deviam tá aqui.

O barulho de Bento se aproxima da varanda, chama a atenção de Jorge.

APOLO

Como assim? O que você tá fazendo? Porque você...

Apolo para de falar à medida que o som do Bento fica mais alto. Todos se viram para a entrada.

A luz da varanda queima.

SEBASTIÃO
Vocês realmente não deviam tá
aqui...

Bento aparece no umbral da porta. Seu som domina o ambiente.

Bento entra na casa. Assim que pisa no corredor, TODAS as luzes da casa se apagam.

14. INT. QUARTO DE APOLO - CONTÍNUO

Magu está dentro do armário do quarto de Apolo. O telefone está em seu colo. Ela liga para a polícia.

As luzes se apagam. Ao mesmo tempo, a linha fica muda.

MAGU
Não...

Magu tenta ligar de seu celular: sem sinal.

No escuro, ela ouve os sons de Bento. Ela espera em silêncio. Tenta controlar a respiração.

Os passos vem direto para o armário. A porta se abre lentamente. A silhueta de Bento encara Magu.

Magu vira seu celular. A luz ilumina o rosto de Bento: uma gosma branca com amarela vaza de sua boca. Ele a observa com olhos de catarata. Magu GRITA.

Sebastião entra no quarto, com uma lanterna.

15. INT. CORREDOR DO PORÃO - NOITE

Jorge, Apolo e Magu estão sentados no chão do corredor. Magu abraçada em Jorge. Sebastião está ajoelhado diante deles.

SEBASTIÃO
A polícia tá vindo? Tem mais
alguém vindo pra cá essa noite?

MAGU
Eu juro que não. Eu tentei ligar,
mas eu não consegui, eu juro.

Magu estão muito assustada. Indica Bento, parado atrás de Sebastião.

MAGU
O que é essa coisa?

LUCIANO
Esse é o Bento.

Sebastião fuzila Luciano com o olhar.

JORGE
Quem são vocês?

SEBASTIÃO
Ei! Quem faz as perguntas sou eu.
Por que vocês tão aqui?

APOLO
Eles são os filhos do Flávio.

Jorge vê a Marreta que Sebastião leva na cinta.

JORGE
Vocês vieram pelo Prego.

SEBASTIÃO
Vocês sabem do Prego? Sabiam que era hoje?

APOLO
Eu nunca imaginei que você ia voltar. Ou que o Luciano, a gente achou que não vinha ninguém.

SEBASTIÃO
Acharam é?

Sebastião se levanta. Olha pra eles.

SEBASTIÃO
Vocês foram no porão?

Os jovens ficam em silêncio.

SEBASTIÃO
Que merda vocês fizeram?

16. INT. PORÃO - NOITE

Sebastião abre o alçapão do porão. Desce as escadas, apontando a lanterna ao redor.

BARÃO DO MEL
 Ah, você voltou. Eu imaginava.
 Vocês também tão presos aqui...

Sebastião entra na sala do Prego. Vê o ritual com pentagrama e o Prego no meio.

SEBASTIÃO
 Filhos da puta...

Sebastião corre escada acima. O alçapão se fecha atrás dele com um estrondo.

Ale sai de trás da escada. Ela ouve os gritos de Sebastião lá em cima.

SEBASTIÃO
 SEUS FILHOS DA PUTA!

Ale acompanha os sons. Ouve gritos e confusão, inclusive o som de um soco.

SEBASTIÃO
 Vão andando, vamo! Todo mundo!
 AGORA, PORRA!

Ale está parada ao pé da escada. Os sons se afastam pelo corredor.

A voz vem de dentro do quarto:

BARÃO DO MEL
 Ele vai matar os seus amigos.

Ale entra na sala do Prego. A voz vem do sarcófago.

BARÃO DO MEL
 Me solta. Eu sei lidar com eles.

Ale vai na direção dele.

ALEXANDRA
 Você não é de verdade.

BARÃO DO MEL
 Quebra o selo que me prende.

Ale se aproxima mais. Na luz de velas não é possível ver nada dentro do sarcófago.

ALEXANDRA
 Você é só mais uma das vozes.

A mão do Barão do Mel sai por entre o vão de duas tábuas.

BARÃO DO MEL
Eu sou sua única esperança.

Ale está a centímetros do sarcófago. Ela observa a mão.

ALEXANDRA
Você é o cara das histórias. O
Barão do Mel.

BARÃO DO MEL
Ainda contam histórias... Sim, sou
eu.

Ale se ajoelha ao lado dele.

ALEXANDRA
Então esse é o seu lugar.

Ale pega a foice e se levanta de novo. Se afasta.

BARÃO DO MEL
Eu vou lembrar do seu rosto quando
eu sair. E vou estragar ele.

17. INT. BANHEIRO - NOITE

Sebastião acende um lampião, iluminando o banheiro. Jorge e Apolo estão amarrados em cadeiras, de frente para a banheira. Bento está atrás deles.

JORGE
O que você vai fazer com a gente?

Eles ouvem Sebastião ir até a porta e entregar outro lampião para Luciano.

SEBASTIÃO
Cuida da menina.

LUCIANO
Tião, o que você vai fazer?

SEBASTIÃO
A gente vai conversar.

LUCIANO
Tião, é o filho do seu Mario.

SEBASTIÃO
Você falou que eu podia confiar em
você.

LUCIANO

Você pode.

SEBASTIÃO

Então confia em mim

Sebastião fecha a porta.

SEBASTIÃO

Por que vocês tão aqui?

JORGE

Por coincidência.

Sebastião deita a cadeira de Jorge sobre a banheira, de modo que o rosto dele fique pra dentro.

SEBASTIÃO

Mentira. Vocês sabiam que era a noite do Bento.

APOLO

Mas a gente não sabia que isso ia acontecer.

Sebastião deita a cadeira de Apolo também.

SEBASTIÃO

O que vocês acharam que ia acontecer? Por que vocês tão aqui?

18. INT. CORREDOR DA COZINHA - NOITE

Junto à porta, Luciano escuta.

JORGE(O.S.)

A gente achou que não ia acontecer nada, era só um susto. A gente só veio pra se divertir.

SEBASTIÃO(O.S.)

Justo hoje? Mentira.

Começa o som de água corrente.

SEBASTIÃO(O.S.)

Esse é o tempo que vocês tem pra me dizer por que vocês tão aqui.

JORGE (O.S.)

Você é louco? O que você tá fazendo?

Luciano fecha os olhos. Se afasta da porta do banheiro.

As vozes de Jorge e Apolo ficam mais altas. Ele anda até a cozinha para fugir delas. Olha para o chão. Balança a cabeça.

MAGU

Luciano?

Magu está amarrada em uma cadeira da cozinha. Segura o choro.

MAGU

Seu nome é Luciano, né?

Luciano balança a cabeça que sim.

MAGU

Eu sou a Magu. O Jorge e o Apolo tão lá dentro. Você conhece o Apolo, né?

LUCIANO

Sim.

MAGU

Ele contou a história do prego. A gente não acreditou que era verdade, só por isso a gente fez aquilo.

LUCIANO

Eu sei.

MAGU

A gente é inocente.

Luciano fica em silêncio.

MAGU

Deixa a gente ir embora, por favor.

Luciano balança a cabeça.

LUCIANO

Não dá.

Magu chora.

MAGU

Por quê? O que vocês vão fazer com a gente?

Os gritos de Apolo e Jorge ficam mais altos. Luciano olha para o banheiro.

LUCIANO
Eu não sei.

19. INT. CORREDOR DO PORÃO - NOITE

Ouvimos as vozes distantes que parecem ser de Apolo e Jorge gritando.

A porta do alçapão começa a se abrir. Começam outras vozes.

Ale sobe as escadas devagar, a foice na mão. É ela quem ouve as vozes.

Ela olha para o fundo do casarão por um longo tempo.

Então ela olha pra fora.

20. EXT. PÁTIO E CARRO - NOITE

Ale entra no carro. Ela senta, com a foice ainda na mão. Tenta soltar a foice, mas não consegue: as vozes de Apolo e Jorge gritando parecem cada vez mais altas, mas junto com outras vozes.

Ale fecha a porta do carro. A lâmpada de cima se apaga e tudo fica em silêncio. Ale encosta a cabeça para trás, aliviada.

Começa o *tic tac* de uma seta ligada. Ale abre os olhos. As setas do painel do carro estão acesas, indicando tanto a esquerda quanto a direita.

A luz das setas é a única luz dentro do carro. Ale observa atentamente o painel, ao som do *tic tac*.

21. INT. BANHEIRO - NOITE

A água está na metade da banheira.

Sebastião está sentado junto à parede, arma na mão. Seus olhos pulam entre Apolo e Jorge enquanto eles imploram.

Bento está em pé ao seu lado. O barulho dele faz ecos no banheiro.

SEBASTIÃO
Por que vocês tão aqui?

Jorge está quase rouco. Apolo está chorando.

JORGE

Foi só uma brincadeira! Não mata a gente por causa de uma brincadeira.

SEBASTIÃO

Eu não acredito.

JORGE

O quê você quer que eu faça? O quê??! Como eu posso te provar??

APOLO

Porra, Sebastião! A gente se conhece desde que eu era criança! A gente jogava futebol!

JORGE

A gente não devia ter ido no porão mas a gente não queria fazer nada. Era só um susto pra minha prima!!

Os olhos de Sebastião param em Apolo. E ficam.

SEBASTIÃO

Você queria libertar o bebê, Apolo.

APOLO

Não! Era só um susto.

SEBASTIÃO

Você queria, eu me lembro. Meu pai contava que você sempre discutia com ele sobre isso.

APOLO

Quando eu era criança!

JORGE

A gente achou que era só uma história!

SEBASTIÃO

Disse que umas duas vezes te encontrou no porão falando com o Prego. Feito amigo imaginário.

JORGE

Isso é coisa de criança!

APOLO
Eu nem me lembro de nada disso!

SEBASTIÃO
Não, mas eu lembro. Agora eu me lembro.

Sebastião se levanta. A água já está bem mais próxima ao rosto deles.

JORGE
Cara, você tem família. O seu irmão tá lá fora. Só deixa a gente sair daqui.

Sebastião se aproxima deles.

SEBASTIÃO
Você sonhava com o bebê, né Apolo?
Ele falava com você.

Apolo começa a chorar ainda mais, balança a cabeça.

Sebastião se abaixa entre Apolo e Jorge.

SEBASTIÃO
O que ele te falava Apolo?

Apolo balança a cabeça. A água já está bem perto deles.

JORGE
Cara por favor, por favor...

SEBASTIÃO
Ele pedia sua ajuda? Ele te ensinou alguma coisa?

Apolo balbucia uma resposta.

SEBASTIÃO
POR QUE VOCÊ TÁ AQUI, APOLO??

APOLO
PRA LIBERTAR O BEBÊ! EU VIM
LIBERTAR O BEBÊ.

JORGE
O quê?

APOLO
Me desculpa Jorge, me des-

Sebastião afunda a cabeça de Apolo na água, por alguns segundos. Se vira de costas pra eles. Apoia a cabeça nas mãos.

SEBASTIÃO

Merda. Merda!

Apolo tosse e chora.

JORGE

Por quê você tá falando isso? Você não entendeu que ele vai te matar?

APOLO

Porque é verdade cara. É tudo culpa minha. Me desculpa.

JORGE

Como assim?

APOLO

Eu nunca achei que isso fosse acontecer. Eu nunca quis que vocês se machucassem.

JORGE

A gente libertou o bebê?

APOLO

Não, mas eu queria... Era pra ter sido tudo tão simples. Me desculpa, Jorge.

JORGE

Você fudeu a gente, Apolo.

APOLO

Me desculpa... A gente ia ser uma família.

A água está a poucos centímetros deles. Jorge grita para Sebastião.

JORGE

Me tira daqui! Eu e a minha prima não temos nada a ver com isso!

APOLO

Solta eles Sebastião, eles não sabiam de nada!

Sebastião encara Jorge. Num impulso pega sua faca e corta as cordas que o prendem.

Sebastião puxa Jorge para fora do banheiro. Bento sai atrás.

Jorge olha para trás e vê Apolo uma última vez. A água já encosta em seu rosto.

APOLO
Me desculpa, Jorge!

A porta se fecha. Apolo fica sozinho no banheiro.

Ele chora enquanto a água já sobe por seu rosto.

APOLO
Se você é de verdade, me salva!
Por favor, me salva e eu prometo
que eu te liberto.

Apolo olha para a torneira. Água saindo sem parar.

APOLO
Por favor...

22. EXT. PISCINA - NOITE

Jorge observa a porta do banheiro fixamente.

SEBASTIÃO
Você entendeu?

Jorge olha para ele.

JORGE
Sim.

Jorge e Sebastião conversam na beira da piscina.

SEBASTIÃO
Ninguém nunca pode saber do que
aconteceu aqui. O diabo mora nessa
casa, sou eu que eu seguro ele
aqui, se eu for preso...

JORGE
Sim.

23. INT. BANHEIRO - NOITE

Apolo vira seu rosto de lado para escapar da água. Olha fixo para a torneira.

24. EXT. PISCINA - NOITE

Jorge ainda olha fixo para a porta do banheiro.

SEBASTIÃO
Você tem que explicar pra sua
prima, se ela contar-

JORGE
Eu vou. Ela vai entender.

25. INT. BANHEIRO - NOITE

A água já está na bochecha de Apolo.

APOLO
Por favor...

26. EXT. PISCINA - NOITE

Uma lágrima escorre pelo rosto de Jorge enquanto ele olha para o banheiro.

Jorge interrompe a fala de Sebastião.

JORGE
Vamos salvar ele.

SEBASTIÃO
Quê?

JORGE
Vamos soltar o Apolo. Ainda dá
tempo.

SEBASTIÃO
Não!

27. INT. BANHEIRO - NOITE

Apolo respira fundo, pronto pra submergir.

A torneira solta água.

28. EXT. PISCINA - NOITE

JORGE
Ele tá estranho por causa do que
aconteceu com os pais dele! Ele

não vai fazer isso de novo! Eu vou ficar de olho nele!

SEBASTIÃO

Se ele sair daqui eu vou passar o resto da vida olhando por cima do ombro!

JORGE

Sebastião, por favor...

Sebastião se vira de costas pra Jorge. Põe a mão na cabeça. Percebe que diante dele está Bento.

Jorge olha de Sebastião para a porta do banheiro, como se calculando a distância.

29. INT. BANHEIRO - NOITE

A torneira vibra enquanto solta água.

30. EXT. PISCINA - NOITE

Bento balança sua cabeça sob o capuz.

Jorge decide correr. Dobra suas pernas. Olha para Sebastião uma última vez: o cano da arma já está a centímetros de seu rosto.

BANG.

31. INT. CARRO - NOITE

O som do TIRO tira Ale do transe.

32. INT. COZINHA - NOITE

Luciano e Magu se viram para a origem do som.

MAGU

O que foi isso?

33. EXT. PISCINA - NOITE

Bento observa o sangue de Jorge se espalhando pelos ladrilhos da piscina.

Luciano vem correndo da casa.

LUCIANO
O que aconteceu?

Luciano para ao ver o irmão com a arma na mão. Olha ao redor e não vê Jorge.

LUCIANO
Não...

Sebastião tenta controlar a respiração enquanto sustenta o olhar do irmão.

LUCIANO
P-Por quê?

SEBASTIÃO
Porque isso é ser um guardião! Não é ser uma merda de um herói! É martelar um bebê no chão! É fazer o que for preciso pro mal nessa casa não sair e ir atrás de toda nossa família! É uma maldição! Somos nós ou eles!

Luciano recua meio tonto. Balança a cabeça.

LUCIANO
N-não, não, não. Isso é errado.

SEBASTIÃO
Eu sei.

LUCIANO
E... A Magu?

SEBASTIÃO
Ela também.

Luciano se afasta em direção à casa, se sentindo enjoado.

SEBASTIÃO
Luciano...

Sebastião ouve o barulho de Bento, ainda na piscina. Olha pra trás, estranhando.

34. INT. COZINHA - NOITE

As mãos pequenas de Magu estão quase escorregando para fora da corda. Ela continua mexendo-as freneticamente.

Magu para, sem forças. Vai começar a chorar, mas se controla. Continua tentando se soltar.

Ouve passos vindo de fora. Olha para uma faca esquecida em cima da mesa. Magu tenta se soltar, ainda mais desesperada. Seu olhar pula da faca para a porta.

Luciano entra pela porta, limpando a boca.

LUCIANO

Magu.

Luciano corre em direção a ela, que não consegue se soltar à tempo.

Ele pega a faca sobre a mesa e... a solta.

LUCIANO

Você tem que fugir. O meu irmão não pode te pegar.

Ele levanta Magu. Puxa ela pelo corredor.

MAGU

Como assim? Que tiro foi aquele? O que aconteceu com o Jorge?

Luciano não responde. Puxa Magu.

MAGU

Cadê o Jorge?!

LUCIANO

Shh, você quer que ele te ouça?

MAGU

Cadê o meu primo?

Luciano desvia o olhar.

LUCIANO

Eu sinto muito.

Magu desaba no corredor. Chora.

MAGU

Nãonão, Jorge. Jorge.

LUCIANO

A gente não pode ficar aqui.

Luciano puxa Magu. Tenta erguê-la.

MAGU

Não encosta em mim! Ale!! ALEE!!!

Luciano tapa a boca de Magu.

LUCIANO
Quem é Ale?

35. EXT. PISCINA - NOITE

SEBASTIÃO
Não...

Ale está na beira da piscina com sua foice ao redor do pescoço de Bento. Ela olha fixamente para o corpo de Jorge.

SEBASTIÃO
Por favor. Você não imagina como ele é importante.

Ale fala como que sozinha, olhando pra Jorge.

ALE
...Como ele é importante.

Sebastião coloca sua arma no chão.

SEBASTIÃO
Por favor, faz o que quiser comigo, eu te imploro mas deixa ele. Se alguma coisa acontecer com ele acabou tudo-

ALE
Cala a boca.

Sebastião para de falar. Bento se retorce, nervoso.

Ale fala com alguém que não está lá.

ALE
Sim. Quero. Tá. Tá bom, é isso.
Pega a arma.

Sebastião não entende.

SEBASTIÃO
Eu?

Ale encosta sua foice no pescoço de Bento, que se debate.

ALE
PEGA ESSA PORRA DESSA ARMA!

Sebastião pega.

ALE
Atira na sua perna.

Sebastião olha pra Ale, sem entender.

Ela nem pisca. Desliza sua foice devagar pela pele de Bento.

ALE
Três, dois.

SEBASTIÃO
Tá, tá!

Sebastião põe a arma em sua perna. ATIRA.

Sebastião cai no chão, gritando em agonia. A arma cai de suas mãos.

ALE
E agora?

Bento se contorce com o corte no pescoço. Cospe sobre a mão de Ale.

Bento cai no chão. Ale olha pra sua mão: Formigas e mel sobre ela.

O capuz caiu do rosto de Bento. Ele se vira para Ale e a encara com seus olhos de catarata, mel e gosma com formigas vazam de sua boca.

Ale ergue a foice acima de sua cabeça.

SEBASTIÃO
Não!!

Ale desce a foice.

36. INT. PORÃO - NOITE.

O PREGO se ergue diversos centímetros do chão.

Todas as velas do porão se acendem.

As madeiras que formam o sarcófago começam a trincar. Quando o trinco corta o símbolo do favo de ponta a ponta, o sarcófago EXPLODE.

37. INT. CORREDOR DO PORÃO/ CORREDOR DA COZINHA - NOITE

Um vento ruim sai do porão, zune pelo corredor, bate todas as portas e janelas em seu caminho e termina no corredor da cozinha. Derruba o lampião que estava sobre a mesa.

Essa luz trêmula ilumina o corredor onde estão Luciano e Magu.

BARÃO DO MEL
Eu não lembrava dessa casa ser tão
assustadora antigamente.

Luciano e Magu correm para a cozinha. Se escondem atrás da bancada.

BARÃO DO MEL
Eu gosto muito mais dela agora.

A silhueta do Barão do Mel aparece no final do corredor.

BARÃO DO MEL
Antes de me matarem eles queimaram
todas minhas colméias. O cheiro
doce de mel queimado foi a única
coisa que eu senti por todos esses
anos.

O Barão tira seu capuz de apicultor enquanto se aproxima pelo corredor.

BARÃO DO MEL
Agora eu sinto até o medo exalando
de você.

O Barão fareja o ar.

BARÃO DO MEL
Esse é o meu cheiro preferido.

O Barão se aproxima pelo corredor. Magu está assustada. Luciano tapa a boca dela.

BARÃO DO MEL
Mas você não precisa ter medo.

O Barão abre a porta do banheiro.

BARÃO DO MEL
Você não.

A torneira não solta mais água. O nível está a centímetros do nariz de Apolo, que respira com dificuldade.

O Barão puxa a cadeira. Arrasta Apolo para longe da banheira. Deixa ele sentado e amarrado no meio do corredor.

BARÃO DO MEL
Meu filho fez a parte dele.

As cordas soltam as mãos de Apolo.

BARÃO DO MEL
Agora você faz a sua.

Apolo vai levantar, mas o Barão o segura pelos ombros.

BARÃO DO MEL
Por que você não me soltou? No
porão? Por que não quebrou o selo?

Apolo treme.

O Barão agora é ainda mais assustador do que antes: sua pele é gasta e ele tem um grande corte de um lado ao outro do pescoço.

BARÃO DO MEL
Você só queria o meu filho.

O Barão do Mel senta no colo de Apolo, virado para ele.

BARÃO DO MEL
Por que você quer o bebê? Você
quer o poder dele?

Apolo balança a cabeça que não.

BARÃO DO MEL
O quê então?

APOLO
Eu achava que ele era bom.

Barão do Mel sorri.

BARÃO DO MEL
Ele é. Nós somos os heróis.

Magu e Luciano ouvem apenas sussuros distantes. Então Apolo grita.

APOLO
Magu!

Magu e Luciano se olham.

APOLO
Vem Magu, tá tudo bem. Ninguém vai
te machucar, eu prometo.

O som dos passos de Apolo e do Barão se aproximam.

Luciano balança a cabeça, pedindo que ela não vá.

Ela olha pra ele. Põe o dedo sobre a boca, para que ele faça silêncio.

Magu sai de trás da bancada, antes que Apolo e o Barão cheguem.

MAGU

Eu tô aqui.

Apolo estende a mão para Magu.

APOLO

Vem.

Magu pega a mão de Apolo e vai com ele. Olha uma última vez pra trás.

Eles atravessam o corredor, sem encarar o Barão do Mel. Mas ao chegar ao lado dele, ele segura o rosto de Magu. Vira seu rosto de um lado e de outro. Com os dedos, abre os lábios dela e vê os dentes. Parece satisfeito. Indica com a cabeça pra que eles vão embora.

Luciano ouve os passos de Magu e Apolo correndo para o outro lado da casa.

BARAO DO MEL

Você tá se escondendo de mim?

O lábio de Luciano treme. O Barão olha ao redor.

BARAO DO MEL

Luciano.

Luciano se controla para não tremer. Fecha os olhos apertados.

BARÃO DO MEL

Lembre que eu sei como tratar um crioulo fujão.

Os passos do Barão param. Luciano espera.

Silêncio...

Luciano arrisca abrir os olhos. De repente arregala eles. Olha para baixo. A faca do Barão está enterrada em sua barriga.

O rosto do Barão está grudado no dele.

O Barão gira a faca.

38. EXT. PISCINA - NOITE

Sebastião ouve o grito do irmão.

SEBASTIÃO
LUCIANO!!

Ele está caído no chão, a mão na perna, assustado. Aponta a arma ao redor. Não há sinal de Ale. O corpo de Bento também caiu para dentro da piscina. Sebastião o olha.

SEBASTIÃO
Não...

Ele grita ao redor.

SEBASTIÃO
Você sabe o que você fez? Você
sabe o que você fez, sua vadia?

Luciano grita de novo. Sebastião olha para sua perna ensanguentada. Começa a se arrastar em direção à fazenda.

39. INT. CORREDOR DO PORÃO E QUARTO DE MAGU - NOITE

Magu e Apolo estão diante da porta principal. Eles tentam abri-la, sem sucesso. Ouvem o grito de Luciano. Magu força ainda mais a maçaneta.

MAGU
A gente tem que sair daqui!

O choro do bebê vem de dentro do porão. Apolo olha pra lá. Ele chora. Faz que sim com a cabeça.

Limpa as lágrimas do rosto. Se vira pra Magu.

APOLO
Magu, a gente não pode ir embora.

MAGU
Como assim?

APOLO
Ele não vai deixar a gente sair
sem ele.

MAGU
Sem o bebê?

Apolo faz que sim com a cabeça.

APOLO
Me desculpa, Magu.

Magu vai até ele. Apolo a puxa para dentro do quarto dela. Fecha a porta atrás, isolando totalmente o som dos gritos.

MAGU
O que tá acontecendo Apolo? O quê
que aquele cara tava falando com
você? Por que ele te soltou?

Ele não consegue encarar Magu nos olhos.

APOLO
Eu sinto muito Magu...

Apolo leva Magu até a cama, onde eles se sentam.

APOLO
Eu não devia ter trazido vocês. Eu
caguei tudo.

MAGU
Não é sua culpa.

APOLO
É sim, é sim!

Ela o abraça. Ele chora em seu ombro.

APOLO
Eu te amo Magu. Eu teria ido até o
fim com você, eu tinha tantos
planos.

Ele a beija enquanto chora.

APOLO
Me desculpa, me desculpa.

Ela começa a chorar e a beijá-lo também.

Ele a beija enquanto tira sua roupa.

APOLO
Eu não queria que fosse assim, não
mesmo. Eu juro.

Eles se deitam sobre a cama.

Enquanto eles se beijam e se despem, a voz do Barão do Mel e os gritos de Luciano são a única coisa que se ouve.

BARÃO DO MEL (V.O.)

Eu contei a passagem do tempo nos rostos dos seus ancestrais. Foram centenas de anos, e eu só pensava no que eu ia fazer com vocês. Tantas coisas que eu quero testar...

40. EXT. FAZENDA - NOITE

Um rastro de sangue leva até a escadaria frontal da casa. Sebastião escala os degraus. Lágrimas de dor em seu rosto.

BARÃO DO MEL (V.O.)

Mas antes eu preciso do seu irmão, Luciano. E você vai trazer ele pra mim.

41. INT. COZINHA - NOITE

Luciano está sentado em uma cadeira. As mãos sobre o ferimento. O Barão fala com ele.

BARÃO DO MEL (V.O.)

E ele vai vir, mesmo sabendo o que eu vou fazer com ele.

42. EXT. VARANDA - NOITE

Sebastião pega o molho de chaves que leva consigo. Corta a palma de sua mão e coloca a chave sobre a ferida. Fecha a mão. Fala algumas palavras em Iorubá. Sopra dentro da mão.

BARÃO DO MEL

Porque se ele não prender o bebê, eu vou sair dessa casa e eu vou encontrar toda a sua família.

Sebastião põe a chave ensanguentada na fechadura. A porta se abre. Dentro da casa ouve os gritos de Luciano, vindo da outra extremidade.

BARÃO DO MEL

Eu reconheço vocês pelo cheiro.

Sebastião, com lágrimas nos olhos. Ele balança a cabeça. Engole o choro. Desce as escadas para o porão.

BARÃO DO MEL

E daí eu vou testar aquelas minhas idéias. E eu aposto que elas vão funcionar.

43. EXT. CORREDOR DA COZINHA - NOITE

A porta da casa se abre. O Barão está ao lado de Luciano, que segura um trapo sobre seu ferimento.

BARÃO DO MEL

Eu tô te soltando, garoto. Você não vai agradecer?

LUCIANO

O-obrigado.

O Barão do Mel pega os óculos no bolso de Luciano. Coloca os óculos no garoto. Sorri.

O rosto de Luciano está inchado de chorar. Ranho no nariz. Ele mal consegue olhar para o Barão.

BARÃO DO MEL

Seja rápido...
(Ele indica a ferida)
...Você não tem muito tempo.

O Barão empurra Luciano para fora. A porta se fecha sozinha.

Luciano fica sozinho lá fora. Ele grita.

LUCIANO

TIÃO!!!

44. INT. PORÃO - NOITE

Com os olhos vermelhos, Sebastião olha para o Prego.

O Prego se destrava cada vez mais. Pedacos de ferrugem caem dele com cada lento progresso vertical que ele faz.

Sebastião pega a Marreta de sua cinta, a posiciona ao lado do prego.

Molha suas mãos no sangue de seu joelho. Passa o sangue com os dedos sobre seu rosto, como uma pintura tribal.

Sebastião olha para o Prego, subindo num ritmo assustador.

BARÃO DO MEL
Pensa no seu filho enquanto
martela ele.

Sebastião puxa o revólver das costas. Aponta para o Barão do Mel, parado diante da porta.

O Barão do Mel ri.

BARÃO DO MEL
Continua. Você não tem tempo a
perder.

Sebastião começa a entoar uma versão apressada dos cânticos ritualísticos.

O Barão aponta para o Prego.

BARÃO DO MEL
Ele tá sendo chamado.

INSERT: Magu e Apolo estão nus na cama, transando.

O Prego pula alguns centímetros pra cima.

Os olhos de Sebastião e do fazendeiro não se desgrudam. A boca de Sebastião continua falando, como se fosse uma parte separada de seu corpo.

BARÃO DO MEL
Você não sente? Ele vai sair, e eu
vou ficar livre.

O Prego salta mais um pouco. Mais da metade está fora do chão.

INSERT: Apolo está deitado na cama, Magu sentada sobre ele. Ela geme baixo, de olhos fechados.

O Barão do Mel penteia seus cabelos.

BARÃO DO MEL
Continua.

Sebastião observa o prego, tenso, sem entender, sem parar de recitar as palavras. Seu rosto está diferente, marcas começam a aparecer em suas bochechas.

Ele ouve sons vindo do teto.

BARÃO DO MEL
Traz ela de volta pra mim.

O Prego salta, ficando preso só por uma ponta.

INSERT: Apolo e Magu entrelaçam as mãos. Ambos fecham os olhos e começam juntos o grito de orgasmo.

O Prego SAI VOANDO do chão e gruda no teto.

Sebastião olha pra cima. O Prego está preso no teto. Sebastião arregala os olhos. Os gemidos de Magu e Apolo chegam através do assoalho.

Sebastião joga as costas no chão e aponta sua arma para cima, bem no momento em que seus olhos começam a ficar dourados.

45. INT. QUARTO DE APOLO - NOITE

Apolo e Magu estão na cama. Ele está deitado e ela sentada sobre ele. Chegaram juntos ao clímax. Voltam aos poucos a respirar normalmente.

Eles se olham, meio incrédulos. Cruzam os dedos de suas mãos.

Apolo esboça um sorriso. Magu também.

Um BURACO DE BALA explode o peito de Apolo, vindo de baixo.

Magu arregala os olhos.

Apolo não sabe como reagir. Começa a se afogar no próprio sangue.

No instinto, Magu se afasta para fora da cama. Se encosta contra a parede.

MAGU

Não, não, não.

Apolo tenta tapar a ferida com as mãos, mas o sangue vaza pelos lados em demasia.

Ele estende uma mão em direção a ela. Tenta falar. Não consegue.

Magu se aproxima. Aperta a mão dele entre as suas.

Apolo olha para cima. Suas pupilas sobem e seus olhos ficam brancos. Ele morre.

Magu olha fixamente para ele, no quarto subitamente silencioso. O sangue escorre pelo braço de Apolo e molha a mão de Magu.

Magu olha para o sangue como se não fosse de verdade.

A porta do quarto se abre lentamente. Uma voz antiga e seca chama por Magu, em uma outra língua.

46. EXT PISCINA - NOITE

Luciano manca em direção à piscina, chorando.

LUCIANO
Tião, me desculpa.

Ele pega a foice caída no chão. Se aproxima da piscina.

Ale está sentada em um canto. Olha os corpos de Bento e Jorge. Ela o vê.

ALE
Eu matei alguém?

Luciano olha para o corpo de Bento. Perde a pose na hora.

LUCIANO
Você matou o Bento.

ALE
Ele era um demônio.

LUCIANO
Acabou tudo.

Luciano larga a foice, que cai na piscina. Ele cai de joelhos.

ALE
O Jorge morreu.

LUCIANO
Tá todo mundo morto...

ALE
Vocês mataram ele!

LUCIANO
Vai todo mundo morrer!

Luciano cai na piscina.

LUCIANO
Minha família inteira vai morrer.

Luciano vai até Bento, se ajoelha ao lado de seu corpo.

LUCIANO

Me desculpa pai. Me desculpa Tião.
Eu falhei.

Ale pega a foice no chão. Olha pra Luciano aos seus pés.

LUCIANO

Você matou todo mundo. Quando você
matou o Bento você matou todo
mundo.

ALE

Elas falaram isso.

LUCIANO

Elas quem?

Ale indica as formigas perto do corpo de Bento.

ALE

Elas. Mas eu não acredito em
vocês.

Ale se afasta de Luciano. Escala a piscina, levando a
foice. Olha pra ele uma última vez.

ALE

Você não vai me enganar.

Ale se afasta da piscina. Luciano olha pra ela sem
entender. Soca o chão e chora mais.

LUCIANO

Não, não, não pode ser.

Luciano tira o capuz de Bento.

LUCIANO

Me desculpa Bento. Eu não consegui
impedir isso.

No que ele encosta no corpo de Bento, esse volta a se
mexer. Seu som é bem mais baixo. Ele se vira pra Luciano.
Luciano se assusta.

LUCIANO

Bento?

Em movimentos fracos, Bento segura o rosto de Luciano.

LUCIANO

Você ainda tá vivo.

Bento o aproxima dele.

LUCIANO
O que você tá fazendo?

As formigas ao redor deles convergem para Luciano.

LUCIANO
O que eu tenho que fazer, Bento?
Me diz o que eu tenho que fazer.

Ale anda em direção da casa. Ouve gritos desesperados de Luciano. Olha na direção da piscina.

47. INT. PORÃO - NOITE

Sebastião está amarrado ao pilar central do porão, mas ele não é mais Sebastião: é a Rainha. Seus olhos são dourados e seus dentes afiados, ele tem diversas cicatrizes ornamentadas sobre o rosto. Ela fala em Iorubá e sua voz é seca e antiga.

O Barão a observa, mas os olhos dela estão fixos em algum lugar do teto.

Ele se ajoelha diante dela.

BARÃO DO MEL
Aqui estamos nós de novo.

O Barão acaricia o rosto da Rainha.

BARÃO DO MEL
Você pensou em mim? Eu pensava em você.

O olhar da Rainha acompanha enquanto alguém desce as escadas.

BARÃO DO MEL
Eu lembrava das suas lágrimas.
Quando você soube.

A Rainha fuzila o Barão com os olhos.

RAINHA
(Em Iorubá)
Eu não voltei por você, velho.

Magu aparece na porta da sala do Prego. Ela veste apenas o agasalho de Apolo sobre o corpo. Seu olhar está ausente, como num transe.

RAINHA
 (Em Iorubá)
 Se aproxime, cria minha. É chegada
 a hora.

Magu, como hipnotizada, começa a se aproximar.

O Barão entende o que está acontecendo. Beija a Rainha na testa.

BARÃO
 Adeus, Mália.

O Barão se afasta, abrindo caminho para Magu.

A RAINHA
 (em Iorubá)
 A sua vida foi o preço que eu
 paguei pela minha vingança. Eu não
 vou negar que você tenha a sua. É
 hora de eu voltar para o céu acima
 do céu.

A voz da Rainha parece dominar tudo, como se só existissem as duas.

A RAINHA
 (em Iorubá)
 Nessa terra de selvagens, eu
 aguentei em silêncio todo o tipo
 de afronta. Tudo pelo amor que eu
 sentia por seu irmão.

Magu se ajoelha diante da Rainha, que olha para o Barão do Mel.

A RAINHA
 (em Iorubá)
 Seu pai o matou. Um homem mortal
 derrubou o sangue de um de nós.
 Cem anos de sofrimento foram **pouco**
 na minha opinião.

MAGU
 (em Iorubá)
 Não pra mim.

Magu, ainda em transe, coloca suas mãos nas laterais da cabeça da Rainha.

A RAINHA
 (em Iorubá)
 Os anos sem corpo não o limitaram.
 Você será mais poderoso do que eu

jamais fui, talvez o mais poderoso
de nós.

A rainha sorri.

A RAINHA

(em Iorubá)

Você ateará fogo a essa terra e
reinará sobre as cinzas, essa é a
melh-

Os olhos de Magu começam a brilhar. A Rainha começa a gritar no meio da frase. SANGUE sai de seus olhos, ouvidos e nariz.

Num estalo tudo termina. É Sebastião que está ensanguentado diante de Magu, seus olhos são normais e sua pele não tem cortes. Magu está surpresa. Descola suas mãos do rosto do homem.

Sebastião olha pra ela. Seus olhos estão vermelhos e injetados. Uma lágrima vermelha escorre pelo rosto dele. Ele tosse, e morre.

Magu se afasta trêmula. Olha para suas mãos.

MAGU

O que eu fiz?

O Barão olha para o corpo de Sebastião. Seus olhos estão molhados. Ele enxuga as lágrimas e sorri.

BARÃO DO MEL

Nós tivemos bons momentos, eu e
ela. Mas no final eu ganhei.

Magu começa a chorar. Balança a cabeça.

MAGU

O quê que tá acontecendo? Por quê?

O Barão se ajoelha ao lado dela. Tira suas luvas.

BARÃO DO MEL

Você é a rainha dessa colônia
agora.

O Barão a beija. Magu se afasta, enojada. Recua pelo chão.

MAGU

Fica longe de mim!

O Barão vem atrás dela pelo chão, sorrindo.

BARÃO DO MEL
 Nós somos família agora, é o meu
 filho na sua barriga.

Magu balança a cabeça em desespero. Ela recua até encostar na parede.

MAGU
 Não! Não, não não! ALE! ALE!

BARÃO DO MEL
 Shhh, shhhhh! Eu sei que você tá
 assustada agora. Mas com o tempo
 você ainda pode me fazer muito
 feliz.

O Barão começa a abrir o zíper da blusa de Magu quando o cano do revólver de Sebastião encosta em sua nuca.

BARÃO DO MEL
 O q-

BANG!

O tiro na cabeça faz o Barão cair para o lado. Quem segura a arma é Ale.

MAGU
 ALE!

Ale atira mais duas vezes no corpo do vilão. As balas acabam, mas ela continua atirando.

Magu a abraça.

MAGU
 Ale!

Ale continua "atirando" no barão. Magu olha para ela.

MAGU
 Vamos sair daqui, Ale.

Ale balança a cabeça que sim. Magu tira a arma da mão dela e a solta no chão. Puxa a amiga pela mão em direção à saída.

MAGU
 Vamos sair daqui.

Elas estão subindo as escadas para fora do porão, mas congelam. O som que vem de cima é inconfundível.

A figura de Luciano obstrui a saída. Ele se movimenta e faz os mesmos sons que o Bento. Começa a lentamente descer as escadas.

Magu e Ale recuam.

MAGU

Não.

Elas recuam de volta para a sala do Prego. Dentro do corpo de Luciano, o Bento é mais rápido. Ele avança sobre elas.

Magu põe a mão sobre a barriga.

MAGU

Ele quer o bebê.

Ale pega a Foice no chão. Se coloca entre Bento e Magu.

SUSTO! Ale atingida em cheio na testa por uma MARRETADA.

Magu grita.

O Barão do Mel larga a Marreta no chão. Ao lado do corpo de Ale.

Magu fica acuada em um canto. Luciano vai pegar Magu, mas o Barão do Mel o segura. Tira seu capuz. Luciano se debate.

BARÃO DO MEL

É você...

O Barão joga Luciano no chão.

BARÃO DO MEL

Você e as suas malditas formigas.

Magu chora. Olha pra Ale caída. Olha para o Barão do Mel e Bento brigando entre si. Respira fundo. Corre escada acima.

O Barão do Mel pisa sobre a ferida de faca que ele próprio fez em Luciano. O rapaz se debate e grita com seu som estranho.

BARÃO DO MEL

Dessa vez você não vai voltar,
garoto.

O Barão do Mel olha ao redor. Ele vê o Prego, com a Marreta ao seu lado.

BARÃO DO MEL

Você não vai a lugar nenhum.

O Barão do Mel anda até o Prego.

Ele se abaixa para pegar o prego, olhando pra Luciano enquanto fala.

BARÃO DO MEL
Que isso sirva de lição. Uma
operária, no fim do dia, continua
sendo uma...

O Barão do Mel olha para onde deveria estar o Prego, mas sua mão está sobre o chão duro de pedra. A ponta do Prego encosta nas costas da mão do Barão do Mel.

Ele olha pra cima e vê Ale segurando o Prego com uma mão e a Marreta com a outra.

BARÃO DO MEL
NÃÃÃOO!!

TUNK! TUNK! TUNK! Ale martela furiosamente o Prego, enterrando-o sobre a mão do Barão do Mel, que grita de dor.

Ale também grita, e parece martelar ainda mais vorazmente, TUNK! TUNK! TUNK! Até a hora que a cabeça do Prego amassa os ossos da mão do Barão do Mel.

No desespero ele tenta se soltar puxando seu braço com a outra mão. Ale, sem interromper o movimento, martela a outra mão do Barão do Mel contra o chão. Ele grita mais desesperado.

TUNK! TUNK! TUNK! TUNK! Ale martela com um fúria cega até o ponto em que a Marreta se parte em dois pedaços.

Ela cai pra trás, tonta.

O Barão do Mel grita desesperadamente.

Ale está quase desmaiando por causa do golpe e da exaustão. Ela vê Luciano se apoiando com dificuldade na parede.

O Barão tenta inutilmente se soltar, com as duas mãos destruídas, enquanto Luciano manca na direção dele.

Luciano arranca o capuz de espiral dele.

Luciano coloca sua boca sobre a boca do Barão. Vomita em jatos uma mistura de mel, sangue e formigas mortas. O vilão se engasga com o líquido, tenta gritar.

Ale respira devagar e lentamente fecha os olhos.

A última coisa que Ale vê é Luciano olhando fixamente para ela.

TELA PRETA

Os gritos param.

48. EXT. ESTRADA - DIA

Já é dia.

Magu andou durante horas pela estrada. Seus pés descalços sangram, ela anda devagar sob o sol escaldante.

Ao redor dela, nenhum sinal de vida.

Magu ouve um som atrás dela. Se vira.

Ale vem pela outra ponta da estrada, também manca.

MAGU

Ale!

As mãos de Ale se mexem freneticamente, ela faz os mesmos sons que o Bento fazia.

Magu instintivamente põe a mão sobre sua barriga. Observa Ale, que se aproxima.

MAGU

Ale?

À distância, as duas se observam.

Ale continua se aproximando.

FIM